

## PERSPECTIVAS SOBRE COOPERAÇÃO E ESPERANÇA NO ROMANCE *WELCOME TO LAGOS*, DE CHIBUNDU ONUZO

Rafael Barbosa de Jesus Santana<sup>49</sup>

### RESUMO

A presente resenha apresenta criticamente ao público lusófono o segundo romance da escritora nigeriana Chibundu Onuzo, *Welcome to Lagos* (2018), Bem-vindo a Lagos, em tradução livre. A fim de enriquecer a análise literária, foram escolhidas duas categorias que perpassam a escrita de Onuzo: cooperação e esperança. A utilização dos conceitos foram consubstanciados a partir das contribuições de Amorim et al. (2014) sobre o conceito de esperança, os quais se baseiam em Paulo Freire, assim como nas proposições de Palmieri & Branco (2004) sobre cooperação. Conclui-se que a sede nigeriana por um futuro melhor e autônomo promoveu a elaboração de escritas literárias que incentivam a concretização de ideais sobre uma comunidade cooperativa e esperançosa que constrói seu próprio caminho.

**Palavras-chave:** Literatura Africana. Nigéria. Chibundu Onuzo. Esperança. Cooperação.

### ABSTRACT

This review critically presents the second novel by Nigerian writer Chibundu Onuzo, *Welcome to Lagos* (2018), Bem-vindo a Lagos, in free translation, to the Portuguese-speaking public. In order to enrich the literary analysis, two categories that permeate Onuzo's writing were chosen: cooperation and hope. The use of the concepts was based on the contributions of Amorim et al. (2014) on the concept of hope, which are based on Paulo Freire, as well as on the propositions of Palmieri & Branco (2004) on cooperation. It is concluded that the Nigerian thirst for a better and autonomous future has promoted the elaboration of novels that encourage the realization of ideals about a cooperative and hopeful community that builds its own path.

**Keywords:** African Literature. Nigeria. Chibundu Onuzo. Hope. Cooperation.

Chibundu Onuzo nasceu em Lagos em 1991, contudo, pertence à etnia igbo, não iorubá como a maioria da população nascida na região sudoeste da Nigéria, que inclui a populosa cidade de Lagos. Filha de médicos, se mudou para a Inglaterra aos 14 anos, tornando-se mais tarde uma escritora da diáspora africana. Onuzo é graduada em História, mestra em Políticas Públicas e doutora em História pela *King's College*

---

<sup>49</sup> Graduado em História pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA); Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira pela Faculdade de Educação São Luís (FESL); Especialista em Relações Internacionais (UNIPAMPA); Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutorando em História pela mesma universidade. E-mail: rafael.santana.001@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5563-3081>.

*Baraúnas*, n.º 1, v.1, mai/dez, 2023

*London*, formação que, indubitavelmente, influenciou e tem influenciado as produções literárias da autora. Aos vinte e um (21) anos de idade publicou seu primeiro romance, *The Spider King's Daughter* (2012), A Filha do Rei Aranha, em tradução livre. Conforme Salgueiro (2017), a vida de Onuzo foi transformada pela literatura, assim como essa foi alterada com a escrita da nigeriana. Sua escrita de estreia foi aclamada por jornais e revistas, como *The Times*, *The Observer* e *Financial Times*, sendo indicada a vários prêmios, como *The Desmond Elliott Prize*, o principal prêmio literário do Reino Unido.

Como mencionei em outra oportunidade, vemos na Nigéria atual a atuação da quarta geração de escritores(as) literários(as), os(as) quais impulsionaram o “aumento significativo no número de romances de autores nigerianos sendo publicados” (EMBLETON, 2017, p. 25), principalmente a partir de 2007, uma tendência que foi reforçada em 2015 com a criação da editora nigeriana *Cassava Republic Press*. Se referindo ao primeiro romance de Onuzo, lançado na mencionada conjuntura, Embleton (2017) assinala que a narrativa da supracitada autora “parece sugerir que a empatia será uma ferramenta importante no processo geral de desenvolvimento do Estado nigeriano” (EMBLETON, 2017, p. 196). Guardemos essa informação.

O terceiro romance lançado por Onuzo foi o *Sankofa* (2021) e entre 2012 e 2021, publicou nos Estados Unidos *Welcome to Lagos* (2018), seu segundo romance. Apesar de ser considerado por parte da crítica literária como exageradamente otimista, a partir do jornal *The Guardian*, Helon Habila (2017) ressaltou que essa característica de *Welcome to Lagos* não exclui a habilidade de Onuzo de dar vida com bastante verossimilhança à personagens e à própria cidade de Lagos nos seus sessenta e nove (69) capítulos. Como Onuzo pontuou já na dedicatória do seu segundo romance, Lagos é um espaço de sonhos, frustrações e imaginação na vida de muitas pessoas, incluindo na dela. A partir das próprias concepções da autora sobre a sua cidade natal que foi percebido que o conceito de esperança poderia cruzar o romance de início a fim, afinal, quem sonha tem esperança. Já a categoria cooperação se fez presente nas condutas adotadas pelos personagens rumo ao sonho, à esperança de um mundo (diga-se, mundo nigeriano) melhor.

A obra tem cinco atores principais: Chike Ameobi, ex-comandante do exército nigeriano; Yemi, subalterno de Chike no exército; Fineboy, militante da região do Delta do Niger; Isoken, uma jovem que se perdeu dos pais; e Oma, uma mulher violentada

pelo marido. O contexto representado no romance não é muito explícito, mas sabe-se que é pós-regimes militares que assolaram a Nigéria entre 1966 e 1998, se passando no início do século XXI. No romance, o plano de fundo que orienta o desenrolar inicial da narrativa é a situação da população do Delta do Rio Niger que não usufruem das riquezas geradas pela exploração de petróleo na região e ainda sofrem as consequências de tal ato.

Antes de prosseguir com a explanação sobre a narrativa em si, é crucial conceituar o que entendo como esperança e cooperação. Conforme Fanon (1968), o

colonizado que escreve para seu povo deve, quando utiliza o passado, fazê-lo com o propósito de abrir o futuro, convidar à ação, fundar a esperança. Mas para garantir a esperança, para lhe dar densidade, é preciso participar da ação, engajar-se de corpo e alma (FANON, 1968, p. 193).

Na concepção do autor, a esperança é propulsora da fala (FANON, 1968, p. 229). Por outro prisma, baseado na teleologia, epistemologia e axiologia de Paulo Freire, Amorim et al. (2014) propõem que na base do conceito de esperança está a reflexão de que, “a partir do presente, e reconhecendo que existe um passado construído socialmente pelos seres humanos inseridos no mundo, é real a possibilidade da mudança, da transformação do eu, do outro e do mundo” (AMORIM et al., 2014, p. 67). Trata-se de entender “que a realidade que está posta pode ser outra” (*Ibidem*), a partir de práticas orientadoras. Nessa costura de formas de ver o mundo, tendo Freire como influência, os autores postulam que “Os seres humanos são, por natureza, seres da Esperança, a desesperança é que não é *natural*” (AMORIM et al., 2014, p. 68).

Nessa perspectiva, só há mudança quando se sonha, e esse ato só é possível com a esperança. Destarte, conforme os autores,

Na concepção freireana, tanto a Esperança quanto o Sonho são atos políticos de caráter histórico e social [...] O impossível hoje não significa o eterno impossível; por isso, a Esperança deve ser entendida a partir da realidade objetiva dos seres humanos que emergem do mundo [...] O conceito de Esperança concita ao movimento (AMORIM et al., 2014, p. 71).

Esperança, nessa linha de raciocínio, não está relacionada à espera, mas à ação. Enquanto para Fanon a esperança é propulsora da fala, para Freire, segundo Amorim et

al., “é propulsora da luta e da resistência ao fatalismo neoliberal” (AMORIM et al., 2014, p. 71), o que, de certa forma, também está implícita nas reflexões de Fanon. Em suma, a esperança requer busca permanente, criticidade, sensibilidade ética e “dá legitimidade à raiva sentida pela negação do amanhã, do sonho que é impossibilitado pela ganância da exploração, do autoritarismo” (AMORIM et al., 2014, p. 72).

No entanto, numa cosmologia tradicional africana, a esperança está concatenada ao coletivo, à comunidade e requer ações pró-sociais, ou seja, “atividades consideradas como socialmente positivas, visando atender às necessidades e ao bem-estar de outras pessoas, como, por exemplo, [...] a cooperação” (PALMIERI & BRANCO, 2004, p. 190). Destarte, a cooperação é definida pelo “contexto interativo em que as ações de um participante favorecem o alcance do objetivo de” vários atores sociais (PALMIERI & BRANCO, 2004, p. 190). Em outros termos, trata-se de um padrão de interação social específico de convergência de ideais, interesses, lutas e utopias em prol de uma Comunidade-de-Vida-Plena (MALOMALO, 2021), na qual homens e mulheres se complementam na manutenção da harmonia.

Em *Welcome to Lagos*, esperança e cooperação aparecem de várias formas. A primeira seção da obra (entre os capítulos um e quatorze) é dedicada ao processo de encontro dos cinco personagens que saem do interior da Nigéria, por variados motivos, para buscar uma nova vida em Lagos. Chike Ameobi e Yemi viram desertores por: (i) não apoiarem a exploração de petróleo por empresas estrangeiras que retiram as riquezas locais e poluem o meio ambiente, enquanto os nativos viviam com falta de alimentos pesqueiros; e (ii) por não conseguirem estar numa missão militar de combate aos nativos que lutavam por direitos básicos. Eles saem da base militar de Bayelsa, no sul da Nigéria, onde o batalhão lutava contra os militantes do Delta do Níger que exigiam retribuições pela terra e água afetadas pelas escavações das companhias petrolíferas. Esse abandono já demonstra a tentativa dos personagens de criarem laços cooperativos não para a morte, mas para a vida; e a capital do país seria a fonte de esperança para Chike e Yemi.

No caminho encontram mais três personagens, com sonhos semelhantes, dispostas a cooperarem em busca de um futuro melhor, como a passagem expõe: nesse processo rumo a Lagos, “Chike deu a mão a Isoken e a ajudou a se levantar” (ONUZO, 2018, p. 26), não só em termos literais. Mais tarde, Isoken vai chamar Chike de irmão, um laço filial simbólico depois da cooperação. O mesmo acontece com Fineboy e Oma,

essa última que foge para Lagos depois de anos sendo agredida pelo marido. Como é expressado pela voz narradora, após ataques militares às aldeias, a cooperação estava em ação entre mulheres e crianças que se juntaram para amenizar a destruição material comunitária, mesmo num contexto em que “as mães esqueceram os filhos, os maridos deixaram as esposas, os velhos foram derrubados e pisoteados” (ONUZO, 2018, p. 17). Enquanto isso, para outros personagens secundários na narrativa, como Ahmed, jornalista iorubá, a cooperação para e com a comunidade era “ser um espinho” para o governo nigeriano que fechava os olhos para as mazelas de sua população, à falta de direitos humanos.<sup>50</sup>

Nesse jogo dialético entre esperança e cooperação, a esperança é desenhada pelo narrador onisciente, por exemplo, quando é constatado que Chike, rumo à capital, teria “uma nova vida esperando por ele em Lagos. Ele faria o seu caminho” (ONUZO, 2018, p. 59), mesmo após a vivência de situações que o fazia ter “sonhos violentos, de mãos agarrando-o por trás, de ser enterrado sob uma parede de água, com os olhos fixos em um céu que queimava” (ONUZO, 2018, p. 61).

Já em Lagos, na segunda seção, entre os capítulos 15 e 38, percebe-se ao folhear das páginas a transformação de Chike, um ex-comandante militar, em líder que servia de referência para os outros personagens cooperativos na jornada para a sobrevivência. Chike constata que “não sabia como havia trocado o comando de um pelotão por outro” (ONUZO, 2018, p. 66). Essa reflexão é importante, pois deixa explícita a mudança de rumo de um personagem que, voluntária ou involuntariamente, troca o papel de liderança para a promoção da morte para o papel de liderança para a vida.

Essa vida, de qualquer modo, é repleta de dificuldades. Todos os cinco personagens viram moradores de rua. Mesmo assim, Isoken, por exemplo, tinha o sonho de voltar à escola para poder cursar no futuro o curso de farmácia, assim como almejava viver numa sociedade menos machista, que não achasse “que uma mulher não deveria usar roupas de homem” (ONUZO, 2018, p. 65), diga-se, roupa jeans; ou mesmo viver num mundo em que a violência sexual não fosse perpetrada contra as mulheres, como ocorrera com ela. Há uma luta contínua das personagens por dias nos quais elas mesmas possam decidir seu futuro. Olhar para frente é uma questão também que o espaço impõe às personagens. Como é constatado, “Lagos te mataria se você perdesse tempo com o passado” (ONUZO, 2018, p. 73), principalmente se se considera que “Lagos era uma

---

<sup>50</sup> Termo utilizado no próprio romance e com sentidos semelhantes ao termo “ocidental”.  
*Baraúnas, n.º 1, v.1, mai/dez, 2023*

selva, um ecossistema ordenado com uma cadeia alimentar classificada, vencedores e perdedores decididos antes de nascerem” (ONUZO, 2018, p. 82).

Ao decorrer da seção dois, vários elementos vão aparecendo no romance sinalizando os empecilhos que o microcosmo da Nigéria, Lagos e sua população deveriam enfrentar para olhar para frente, como a falta de solidariedade feminina, as desigualdades sociais, a xenofobia, a naturalização das diversas formas de violência e a corrupção fragmentada e espalhada nas mais diversas classes da sociedade, temática que é central na escrita de Onuzo.

Em busca de seus sonhos e desejos a partir da cooperação,<sup>51</sup> os personagens invadem um apartamento abandonado, o qual é de posse de um ministro da educação corrupto. Ao desenrolar da narrativa, depois de roubar dez milhões de dólares, o ministro decide voltar ao apartamento para se esconder. Encontrando Chike, Yemi, Oma, Fineboy e Isoken em seu rico apartamento, o ministro é preso pelo grupo. Numa Nigéria na qual o dinheiro lhe faz “uma pessoa de substância e dignidade, alguém digno de respeito” (ONUZO, 2018, p. 121), o grupo decide, democraticamente, usar o dinheiro para reformar escolas. O desejo de transformar a educação com o dinheiro roubado levará à evolução de Isoken enquanto personagem, podendo ser afirmado que a mesma também foi transformada pela educação: “de pupa adormecida a essa criatura alerta e ágil” (ONUZO, 2018, p. 132).

O próprio narrador onisciente ressalta que os personagens tinham uma horizontalidade de pensamentos, de objetivos, de ações, aspectos característicos dos espaços de cooperação: “tinha uma espécie de família” (ONUZO, 2018, p. 162). Sobre o espaço de cooperação do grupo, o narrador onisciente também constata que até o ministro da educação, que tinha roubado dinheiro do seu setor, não podia “ficar indiferente a esse trabalho” de ajuda mútua (ONUZO, 2018, p. 172). Ao mesmo tempo, Ahmed, que encontrou solidariedade em sua terra natal após denunciar o caso do ex-ministro Sandayo, quando entra em exílio na Inglaterra não consegue criar relações

---

<sup>51</sup> Um dos sonhos de Yemi, por exemplo, era viver numa Nigéria que não obrigasse o uso do inglês em detrimento das línguas locais, como aconteceu com ele enquanto servia ao exército; o sonho de Fineboy era ser radialista na sua “Fineboy Communications: entretenimento do povo, pelo povo, para o povo” (ONUZO, 2018, p. 134). Como o personagem expressa mais à frente no romance, mesmo com as adversidades, estaria “mantendo o sonho vivo. Eu sei que um dia eu vou entrar em uma cabine de rádio e impressioná-los” (ONUZO, 2018, p. 156); para Oma, um dos seus maiores desejos era que as alunas da universidade que ela frequentava não fossem obrigadas a dormirem com os professores para obterem aprovação nas disciplinas.

semelhantes. As relações nessa Inglaterra estariam fadadas ao individualismo e por interesses europeus numa história única sobre a África no geral e sobre a Nigéria em específico: “Escândalo, assassinato, intriga. Política africana por excelência” (ONUZO, 2018, p. 200). É questionado no romance se esses estereótipos são “uma confecção de mentiras ou a verdade?” (ONUZO, 2018, p. 201). Até pode ser verdade, mas não se trata apenas desta,<sup>52</sup> sendo a esperança e a cooperação também uma realidade no continente africano.

Com o desenrolar da trama, na última seção do livro, o ex-ministro da educação é procurado por uma mídia estrangeira, no caso a BBC, para a realização de uma entrevista sobre o caso de corrupção em seu mandato. Sandayo concede a entrevista, mas inventa uma história sobre o sumiço dos dez milhões de dólares da pasta da educação. Nessa versão, o ex-ministro teria desviado a verba para que ela não fosse roubada por pessoas de outros setores, como ocorria amiúde na Nigéria, e fosse efetivamente investida em escolas, ainda que de modo informal. Vendo essa história, um dos funcionários da BBC explana: “As pessoas ficarão entediadas com um político africano honesto” (ONUZO, 2018, p. 227), sendo este um motivo para a não publicação da entrevista.

Na terceira seção do romance a narrativa se afasta dos cinco personagens principais. Percebe-se a subversão da visão estereotipada do africano corrupto para o mundo europeu, também corrupto, mas de pouco conhecimento da população mundial, a qual vincula à Europa, por diversos meios como a mídia, a ideia de desenvolvimento livre de corrupção.

Conforme Eskicioglu (2022), analisar *Welcome to Lagos* requer identificar na obra o “conhecimento sobre o papel que cada cidadão desempenha no bem-estar de toda comunidade” (ESKICIOGLU, 2022, p. 83). Em outras palavras, é preciso considerar o elemento da cooperação, o qual só é possível com o envolvimento empático da população, assim como postulou Embleton (2017). Essa realidade imediata tratada no romance explicita a importância da responsabilidade pessoal e como a falta deste atributo repercute em várias pessoas e, muitas vezes, numa comunidade inteira.

Se a escrita literária das populações subalternas deve abrir caminhos para o futuro, com engajamentos baseados na esperança como postula Fanon (1968), Chibundu

---

<sup>52</sup> Aqui faço alusão ao já clássico livro de Chimamanda Ngozi Adichie, “O perigo da história única”, publicado em 2019 pela Companhia das Letras.  
*Baráúnas, n.º 1, v.1, mai/dez, 2023*

Onuzo explicita representativamente que a possibilidade de transformação do presente é real, como argumentam Amorim et al. (2014). Essa transformação está na conduta dos personagens centrais de *Welcome to Lagos*, os quais agem na convergência de ideais e lutas para a construção coletiva e comunitária desse porvir.

### **Obra da resenha**

ONUZO, Chibundu. **Welcome to Lagos**. New York: Catapult Press, 2018.

### **Referências**

AMORIM, Filipi Vieira *et al.* Reflexões sobre o conceito ontológico de esperança em Paulo Freire no horizonte de uma ética para a educabilidade ambiental. In: **Revista Comunicação e Educação Ambiental**, v. 4, n. 2, 2014, p. 63-78.

EMBLETON, Nadia. **Reimagining Nigerian Unity: Identity, Ethno-Nationalism and the Depiction of the Nation in Nigerian Novels by Female Authors**. 268f. Tese de Doutorado: University of London, 2017.

ESKICIOGLU, Lale. **Beyond Postcolonialism: Urban and Social Realist Turn in Indian and Nigerian Literatures**. 296f. Tese de Doutorado: Carleton University, 2022.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

HABILA, Helon. Welcome to Lagos by Chibundu Onuzo review – high hopes, big city. In: **The Guardian** (2017). Disponível em: <  
<https://www.theguardian.com/books/2017/jan/18/welcome-to-lagos-by-chibundu-onuzo-review>>. Acesso em: 16 de agosto de 2022.

MALOMALO, Bas'Ilele. O significado da Comunidade-Orum-Aiyé ou Comunidade-Universo-Natureza na filosofia africana do Ntu-Axé. In: **Revista Communitas**, v. 5, n. 10, 2021, p. 182-200.

PALMIERI, Marilícia Witzler Antunes; BRANCO, Angela Uchoa. Cooperação, competição e individualismo em uma perspectiva sócio-cultural construtivista. In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 17, n. 2, 2004, p. 189-198.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. Vozes negras femininas na literatura de resistência contemporânea. In: **Anais do XV Congresso Internacional da ABRALIC**, s/v., s/n., 2017, p. 5038-5047. Disponível em: <

[https://abralic.org.br/anais/arquivos/2017\\_1522244948.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522244948.pdf)>. Acesso em: 31 de julho de 2022.